

O caminho de vitórias estratégicas da extrema direita alemã: o caso da AfD



Wesley Santos¹

Resumo

Em um contexto de onda de vitórias da extrema direita pelo mundo, o presente artigo analisa a ascensão da Alternativa para a Alemanha (AfD) como força relevante do contexto político alemão da última década. A intenção é analisar como o partido, por meio de uma estratégia antissistema, capitaliza o descontentamento popular e os resultados eleitorais, sejam eles de sucesso ou de fracasso, para ampliar sua presença discursiva e institucional. Para isso, a metodologia escolhida combinou artigos que tratam, em nível macro, de temas relacionados ao populismo e à comunicação política, com estudos específicos sobre a AfD e a análise secundária de dados relativos às recentes eleições em territórios alemães. Como ocorre nas mobilizações do populismo de direita pelo mundo, o partido consegue atrair grandes quantidades de eleitores em diversas classes. Há ainda uma particularidade do caso alemão, que concentra a maior parte da adesão à sua agenda anti-imigratória no eleitorado das regiões da antiga Alemanha Oriental (antigo lado socialista). Como será visto aqui, embora o partido tenha sofrido reveses em eleições nacionais e regionais, sua capacidade de definir parte da agenda política e capturar o descontentamento (voto de protesto) continua robusta. Vitórias simbólicas, como na Turíngia, revelam um processo contínuo de fortalecimento do campo conservador no país. O caso alemão sugere, assim, que esse espectro político pode avançar mesmo em contextos de insucesso eleitoral, ampliando paulatinamente sua presença discursiva e institucional.

Palavras-chave: AfD — Alemanha — populismo de direita — agenda anti-imigratória — eleições.

¹ Doutorando e mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). E-mail: wlsantos@unifesp.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2561-7803>. Pesquisa financiada pelo Processo nº 2022/03573-0, da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp).

Abstract

In a context of a wave of victories for the far right around the world, this article analyzes the rise of Alternative for Germany (AfD) as a relevant force in the German political context over the last decade. The intention is to analyze how the party, through an anti-system strategy, capitalizes on popular discontent and electoral results, whether successful or unsuccessful, to expand its discursive and institutional presence. To this end, the chosen methodology combined articles that deal at a macro level with issues related to populism and political communication with specific studies on the AfD and secondary analysis of data relating to recent elections in German territories. As with right-wing populist movements around the world, the party manages to attract large numbers of voters from different classes. There is also a particularity in the German case, which concentrates most of the support for its anti-immigration agenda in the electorate of the regions of former East Germany (the former socialist side). As will be seen, although the party has suffered setbacks in national and regional elections, its ability to define part of the political agenda and capture discontent (protest votes) remains robust. Symbolic victories, such as in Thuringia, reveal a continuous process of strengthening the conservative camp in the country. The German case thus suggests that this political spectrum can advance even in contexts of electoral failure, gradually expanding its discursive and institutional presence.

Keywords: AfD — Germany — right-wing populism — anti-immigration agenda — elections.

Introdução

A ascensão e a resiliência dos movimentos políticos de extrema direita tornaram-se objetos centrais de análise na ciência política contemporânea. Apesar de enfrentarem reveses eleitorais em alguns contextos e situações específicas, essas forças políticas demonstram uma notável capacidade de obter vitórias estratégicas no campo discursivo e de orientar o debate para pautas que mobilizam os sentimentos nacionais e as demandas populares de soberania. No caso alemão, a *Alternative für Deutschland* (Alternativa para a Alemanha — AfD) sofreu perdas significativas em pleitos nacionais e regionais, antes de se tornar relevante e alcançar suas primeiras vitórias.

O objetivo é examinar de que maneira o partido, por meio de uma estratégia de narrativa antissistema, transforma o descontentamento social e os resultados eleitorais (positivos ou negativos) em recursos para ampliar sua projeção discursiva e institucional. Para tanto, a metodologia adotada combinou trabalhos que abordam, em nível macro, questões ligadas ao populismo e à comunicação política, com análises específicas sobre a AfD. Além disso, foram utilizados dados secundários referentes às eleições mais recentes em diferentes regiões da Alemanha.

O discurso do partido contra a imigração e a sua perspectiva eurocêntrica não só ecoam entre os setores conservadores, como também deixam marcas palpáveis nos debates nacionais sobre identidade e políticas de migração. As vitórias recentes em eleições locais, como na Turíngia, no segundo semestre de 2024, ilustram a persistência do apelo do populismo de extrema direita em certos cenários, mesmo que a sua consolidação ainda seja vista como um projeto em desenvolvimento.

A partir desse tipo de segmentação temática, a AfD microsegmenta suas estratégias tradicionais e digitais de busca por crescimento no cenário político institucional. Esse fenômeno se insere em uma dinâmica mais ampla, na qual a extrema direita capitaliza ganhos culturais e institucionais para deslocar o debate público em direção a pautas nacionalistas e de caráter conservador. A simples presença desses movimentos no cenário político opera como um mecanismo de amplificação discursiva, forçando a incorporação de suas pautas à agenda pública e promovendo sua normalização como demanda de diversos setores da população.

Diante dos resultados eleitorais mais recentes na Alemanha (até o início de 2025), este artigo argumenta que o crescimento da AfD está ancorado em uma estratégia típica de partido antissistema: o partido rejeita compromissos com as forças institucionais consolidadas, ainda que atue dentro das estruturas formais do Estado. Para além desse eixo central, o texto analisa como, mesmo diante de derrotas eleitorais, a AfD tem conseguido ressignificar esses insucessos por meio da narrativa de uma suposta exclusão promovida pelo sistema político institucionalizado. Essas derrotas, longe de fragilizar sua base, acabam funcionando como oportunidades para o fortalecimento de um capital simbólico e cultural, revelando a resiliência do partido e sua capacidade de reorganização estratégica no campo político.

Assim, a primeira seção do artigo trata do tema imigração e dos dilemas históricos que o cercam, pensando esse processo como estruturante na construção da sociedade alemã e, atualmente, como problema social para uma fração importante do país. A segunda seção discute os elementos discursivos e as principais agendas de mobilização do partido, traçando pontos em comum com a onda de direita pelo mundo, sem perder de vista suas especificidades. Por fim, a terceira seção explora resultados importantes que ajudam a compreender o avanço da legenda e as principais regiões onde aparecem os primeiros resultados, além da ampliação da sua capilaridade.

A imigração como construção de identidade nacional e “problema” do presente

A ascensão de partidos de extrema direita na Europa na última década revitalizou o debate sobre o conceito de partido antissistema, amplamente discutido por Sartori (1982)². Em sua formulação clássica, Sartori descreveu esses partidos como aqueles que minam a legitimidade do sistema político que pretendem ocupar. Mais recentemente, Zulianello (2017) atualizou o conceito, argumentando que os partidos antissistema modernos não buscam necessariamente a derrubada violenta da democracia, mas sim sua erosão por dentro, ao rejeitarem compromissos e questionarem as regras fundamentais do jogo democrático. É precisamente nessa chave teórica que a estratégia da AfD pode ser compreendida.

No entanto, Zulianello (2017) cria gradações dessa noção que apontam para a diferença entre partidos antissistema que não operam na chave da política tradicional e aqueles que apenas adotam a narrativa ou a racionalidade discursiva contra o *status quo*, mas disputam eleições e/ou atuam institucionalmente, como é o caso da AfD, que opera de forma institucionalmente consolidada há alguns anos.

Para executar essa estratégia de deslegitimização institucional, a AfD elegeu um campo de batalha central: a imigração. A Alemanha é um dos países com maior histórico de imigração na composição de sua identidade nacional. Desde o pós-guerra, a imigração foi uma das principais estratégias de recuperação econômica do país, considerando o processo de reconstrução e a necessidade de mão de obra, além de elementos relacionados às tradições multiculturalistas do país — conforme apontam os próprios registros históricos institucionais divulgados publicamente (Migração [...], 20--).

A história da imigração na Alemanha contemporânea remonta principalmente ao período do *Wirtschaftswunder* (milagre econômico), nos anos 1950 e 1960, quando o país firmou acordos bilaterais com países como Itália, Turquia e Grécia para receber

² Conforme aponta Sartori (1982) em sua obra clássica sobre sistemas partidários. O texto trata, entre outros conceitos, de partidos que, explicitamente, se recusam a aceitar as “regras do jogo” democrático, buscando minar ou substituir o regime existente. Isso os torna potencialmente desestabilizadores para sistemas democráticos, especialmente quando têm força eleitoral ou capacidade de coalizão.

trabalhadores temporários, conhecidos como *Gastarbeiter*. Esses imigrantes foram fundamentais para sustentar o crescimento industrial alemão (Dollarhite, 2023).

A permanência dos trabalhadores imigrantes e de suas famílias acabou por desafiar, de forma significativa, o modelo originalmente concebido como temporário. A partir das décadas de 1970 e 1980, tornou-se evidente que essas populações não retornariam a seus países de origem, o que desencadeou intensos debates em torno de políticas públicas sobre temas como cidadania, integração e pertencimento. Nesse cenário, Chin (2007) aponta que o multiculturalismo emergiu como uma tentativa de responder a essa nova configuração social. Em sua obra *The guest worker question in postwar Germany*, Chin oferece uma leitura fundamental para compreender a transição do discurso oficial alemão, que saiu de uma postura de negação da imigração para a aceitação da diversidade como parte constitutiva da sociedade (salientando, inclusive, o quanto positivo foi esse processo para a imagem alemã). Segundo a autora, o discurso multiculturalista, especialmente a partir das décadas de 1990 e 2000, buscou articular a noção de uma identidade nacional plural com a preservação da coesão social oriunda de um certo apego aos valores tradicionais e históricos do país.

Contudo, mesmo nesse cenário de “lua de mel” com os fluxos imigratórios, o multiculturalismo na Alemanha jamais alcançou consenso pleno. Soysal (1994), em *Limits of Citizenship: migrants and postnational membership in Europe*, destacou que os imigrantes continuaram enfrentando obstáculos significativos para o exercício pleno da cidadania, mesmo diante de políticas públicas voltadas à integração. A noção de pertencimento, nesses contextos, seguia ancorada em critérios étnicos e culturais, o que limitava a inclusão dos grupos estrangeiros. Isso valia tanto para os processos de imigração de cidadãos vindos de países vizinhos na Europa (turcos, gregos e italianos), quanto para a maior quantidade de imigrantes, que era composta por árabes, persas e pessoas de países africanos (como Gana). Portanto, o que se coloca na literatura é o postulado de que esse público nunca encontrou um pleno acolhimento de identidade no país, ao contrário, sempre estivera apartado.

Novas ondas de imigração podem ser demarcadas na história e, talvez, a mais recente tenha se dado no período Merkel (meados de 2015). Ao aceitar mais de um milhão de refugiados em 2015, a chanceler deu um sinal claro de que a Alemanha precisava responder à crise humanitária com responsabilidade. Essa postura foi endossada por diversos grupos sociais, muito embora tenha catalisado também reações contrárias e se dado em um contexto de emergência de novas ondas populistas de direita.

É nesse cenário que a extrema direita, representada por partidos e movimentos novos, como a AfD, passou a ganhar visibilidade. Valendo-se da imigração como instrumento retórico, a AfD canalizou a lógica de que imigrantes “roubavam” empregos e oportunidades, além de serem responsáveis por uma degradação das tradições da Alemanha. Conforme discutirei mais à frente, tratava-se da mobilização por meio do sentido de medo, insegurança e ressentimento, construindo uma narrativa que associa a presença de imigrantes à perda de valores nacionais, ao aumento da criminalidade e à ameaça ao bem-estar social.

Essa instrumentalização da imigração como ferramenta de clivagem social é um pilar da estratégia antissistema da AfD. Como sustenta Cas Mudde (2019), a imigração tornou-se o eixo central dos discursos da nova direita radical, superando pautas econômicas. Para a AfD, essa centralidade não é acidental: ela permite enquadrar o debate na lógica de inimigos comuns, uma tática que mina a coesão social e deslegitima os partidos tradicionais, acusados de serem coniventes com a ameaça estrangeira.

Essa conjuntura revela uma mudança inquietante: aquilo que, durante décadas, foi interpretado como sinal de abertura e valorização da diversidade passou a ser enquadrado como ameaça direta e principal “inimigo” do desenvolvimento. A imigração, outrora celebrada como parte integrante do ideal europeu de pluralismo e inclusão, tem sido cada vez mais tratada como uma “crise” — expressão que, em si, carrega uma conotação negativa e um senso de urgência artificialmente construído.

Koopmans (2013), em *Multiculturalism and Immigration: A Contested Field in Cross-National Comparison*, adverte que os países necessitam encontrar um ponto de equilíbrio entre políticas de integração eficazes e o enfrentamento ao extremismo, comumente associado, no senso comum, a certos grupos imigrantes, como os muçulmanos. Segundo o autor, a ausência de estratégias consistentes de inclusão favorece processos de radicalização, afetando tanto comunidades imigrantes quanto a população nativa.

O desafio contemporâneo da Alemanha é, portanto, duplo: por um lado, enfrentar e acolher a crescente diversidade interna; por outro, resistir ao avanço de movimentos políticos que instrumentalizam o medo como ferramenta para enfraquecer os pilares democráticos. Isso em termos teóricos, posto que, na prática, o levante que vem das urnas tem sugerido uma crescente demanda do cidadão médio alemão por respostas da política

institucional que tratem de questões como os valores tradicionais do país e a proteção econômica (de trabalho e renda) para os nativos.

O debate em torno da imigração extrapola questões sociais e culturais e se entrelaça de maneira significativa com o campo jurídico. A recente reforma da Lei de Nacionalidade, aprovada no final do primeiro semestre de 2024, constitui um ponto de inflexão nesse processo. A mudança legislativa passou a permitir que filhos de imigrantes nascidos em território alemão adquirissem a cidadania, desde que cumprissem certos requisitos. Apesar desse avanço, a manutenção do *jus sanguinis*³ como critério predominante evidencia a persistência de uma concepção de nacionalidade fortemente ancorada na hereditariedade.

Por sua vez, a disputa entre *jus sanguinis* e *jus soli*⁴ transcende a esfera jurídica e revela um embate mais profundo entre modelos concorrentes de identidade nacional. Enquanto o primeiro sustenta uma visão étnica da nação, o segundo propõe uma abordagem fundamentada na territorialidade⁵. No plano das políticas públicas, a integração de imigrantes passou a receber atenção mais sistemática a partir dos anos 2000, com iniciativas como a *Integrationsgipfel* (Cúpula da Integração) e o *Nationaler Integrationsplan* (Plano Nacional de Integração)⁶. Ainda que relevantes, tais medidas têm sido criticadas por atribuírem à população imigrante a responsabilidade principal pela própria integração, deixando à margem os fatores institucionais e os entraves estruturais que limitam, de fato, sua plena inclusão.

Um dos eixos de políticas públicas mais marcantes nessa assimetria de acesso em território alemão é a educação. Bade (2003), pensando a partir da experiência alemã, aponta que filhos de imigrantes continuam enfrentando dificuldades consideráveis no acesso a uma educação de qualidade. Em média, esses jovens são mais frequentemente direcionados a escolas técnicas e menos representados nos caminhos acadêmicos, o que sugere um encaminhamento mais operacional de mão de obra.

Apesar das tensões históricas, é fundamental reconhecer que a Alemanha também tem protagonizado iniciativas bem-sucedidas de integração, especialmente em centros

³ Direito de sangue.

⁴ Direito de solo/terra/território.

⁵ Cabe destacar que os filhos de alemães nascidos em outros países são considerados alemães (direito de sangue), no entanto, estrangeiros nascidos na Alemanha só têm cidadania alemã se preencherem critérios específicos (um dos critérios é o tempo mínimo de permanência legal no país), caso contrário, não são considerados alemães.

⁶ O painel analítico encontra-se disponível em: <https://migrant-integration.ec.europa.eu/library-document>. Acesso em: 11 abr. 2025.

urbanos como Berlim, Hamburgo e Colônia, onde políticas locais de incentivo à convivência intercultural têm produzido efeitos positivos. Em contraste, nos estados com maior resistência aos imigrantes, essa oposição não se justifica apenas por razões econômicas ou de segurança pública. Revela, sobretudo, uma recusa simbólica em reconfigurar os contornos do “nós” nacional. É justamente nesse ponto que a reflexão contemporânea precisa avançar: a identidade nacional não é um dado imutável, mas sim uma construção política e histórica, permanentemente sujeita a negociações.

A transição da imigração, de símbolo do multiculturalismo a suposto “problema social”, evidencia a fragilidade das democracias diante de discursos de exclusão e fechamento. A maneira como os Estados lidam com a alteridade constitui, nesse sentido, um termômetro da robustez de suas instituições e da maturidade de sua cidadania. No caso alemão, marcado por uma trajetória histórica de rupturas profundas e contínuos processos de reconstrução, abrir-se-ia, em princípio, a possibilidade de consolidação de um modelo alternativo ao nacionalismo excludente.

No entanto, ainda que a economia alemã se beneficie da imigração, especialmente no setor de cuidados, construção civil e serviços, também reproduz formas de exploração e segmentação do mercado de trabalho, uma vez que imigrantes tendem a ocupar postos menos protegidos e com menores salários. O relatório da Fundação Bertelsmann, intitulado *Fachkräfteimmigrationsmonitor 2021 (Painel de imigração de mão de obra qualificada)*, demonstra como a imigração de trabalhadores de fora da União Europeia para a Alemanha se mantém alta, mas, também, como as empresas têm se mostrado mais cautelosas no processo de contratação de estrangeiros. Esse quadro pode contribuir para certa precarização e segmentação do mercado de trabalho, o que afeta determinados grupos de imigrantes⁷ (Mayer; Clemens, 2021).

Essas questões socioeconômicas, como a precarização do trabalho imigrante, fornecem uma espécie de “tempestade perfeita” para a AfD, visto que o partido instrumentaliza essas tensões, traduzindo a insegurança econômica em uma narrativa de ameaça cultural e identitária. Dessa forma, o relatório da Fundação Bertelsmann, embora

⁷ O relatório aponta ainda que dois terços das empresas enfrentam escassez de profissionais qualificados em áreas técnicas e na realização de serviços (Mayer; Clemens, 2021).

técnico, evidencia a base material sobre a qual a AfD constrói suas estratégias discursivas e visuais, tema que será explorado na próxima seção.

Elementos discursivos e as agendas políticas da AfD

O pensamento de extrema direita alemã tem muitas matizes e, a depender do recorte de análise, pode assumir pontos de partida diferentes. No século XX, um exemplo marcante dessa posição ideológica pôde ser lido na República de Weimar, onde movimentos como o *Deutschnationale Volkspartei* (DNVP), ou Partido Nacional do Povo Alemão, e intelectuais como Carl Schmitt, Arthur Moeller van den Bruck e Oswald Spengler defendiam o chamado “conservadorismo revolucionário” (Consani; Santos, 2022; Guimaraens; Rocha, 2023).

Esses grupos cultivavam uma concepção orgânica e étnica da nação (*völkisch*), rejeitavam o liberalismo e projetavam a ideia de uma “comunidade popular” homogênea, frequentemente com traços racistas e antisemitas. Após o colapso do regime nazista, essas tradições foram politicamente deslegitimadas, mas não desapareceram. Ao contrário, elas persistiram em forma latente em setores da sociedade e ressurgiram em legendas marginais, como o *Deutsche Reichspartei* (DRP, o Partido do Império Alemão, em tradução livre) e, mais tarde, o *Nationaldemokratische Partei Deutschlands* (NPD, ou Partido Nacional Democrático da Alemanha), fundado em 1964, que buscavam resgatar símbolos e discursos nacionalistas sob a retórica da soberania e da identidade.

A partir dos anos 1990, com a Alemanha reunificada e o fim das ideias da Guerra Fria, a direita radical começou a se reestruturar. A frustração socioeconômica nas regiões da antiga República Democrática Alemã (RDA)⁸, combinada à crescente percepção de ameaça cultural provocada pela imigração, criou um terreno fértil para o avanço de um novo nacionalismo. A AfD surge pela simbiose de múltiplos e diferentes grupos nesse levante.

Remontar à história do partido demanda um esforço linear de capturar suas origens e adaptações ao longo do tempo. Especialmente a partir da década de 2010 e com o fortalecimento das pautas relacionadas ao chamado multiculturalismo alemão, grupos de

⁸ Lado oriental.

direita — como o *Patriotische Europäer gegen die Islamisierung des Abendlandes* (PEGIDA, ou, em português, Patriotas Europeus Contra a Islamização do Ocidente) — passaram a ter visibilidade crescente e naturalizaram discursos xenofóbicos que não se viam representados pela política tradicional do país (Garcia, 2022). Diante dessa lacuna e ocupando esse vácuo, movimentos menores passaram a se organizar politicamente, especialmente nas redes sociais.

Em 2013, a AfD é fundada como uma resposta a essa incipiente demanda popular, carregada por sentimentos de aversão à política institucional existente naquele momento. Essa primeira fase, mais moderada e focada no euroceticismo, já posicionava a AfD como uma força disruptiva, sendo analisada na época como a primeira tentativa bem-sucedida de consolidar um partido populista de direita no cenário alemão (Arzheimer, 2015; Berbür; Lewandowsky; Siri, 2015). A derrota de uma das lideranças fundadoras, Bernd Lucke, nas eleições internas do partido, reconfigurou a temperatura dos discursos (Presidente [...], 2017). A aparição de figuras como Frauke Petry e Jörg Meuthen marca uma guinada ideológica rumo a uma retórica mais nacionalista e radical, da mesma forma que nomes como Alexander Gauland, André Poggenburg e Björn Höcke passam a articular discursos que, por vezes, remetem à retórica nazista, evidenciando a radicalização ideológica.

Nesse momento, é possível dizer que houve uma mudança de direção bem-sucedida. O movimento de mudança de direção do partido não era simples do ponto de vista de estratégia política, pois qualquer semelhança ou suspeita de semelhança com narrativas nazistas poderia ter um efeito negativo enorme em diversos momentos, exceto nesse em que essa mudança se deu. A transformação discursiva conseguiu mobilizar eleitores ressentidos e desamparados, traduzindo-se em ganhos eleitorais.

A islamofobia cresceu fortemente nesse período, porque tanto sublinha uma posição de alinhamento com a exclusão da população muçulmana, quanto aguça um sentimento de proteção dos chamados valores nacionais. Essa linha de comunicação política opera como uma retórica de defesa da “cultura” e dos valores tradicionais alemães, transformando problemas complexos em dilemas existenciais que polarizam a sociedade em “nós contra eles”. As campanhas visuais (digitais ou não) do partido se estruturam para criar uma dicotomia entre “nós” (representados como os verdadeiros defensores dos valores ocidentais e da liberdade) e “eles” (imigrantes muçulmanos, supostamente responsáveis

pela opressão e pela ameaça aos direitos progressistas) — uma estratégia que, segundo Doerr (2021, p.13), fortalece a mobilização política de grupos de extrema direita na Alemanha.

Um traço comum de operação com outros casos ao redor do mundo é a forte estratégia comunicacional nas redes sociais. A linguagem sensacionalista usada ao tratar do tema imigração favorece a criação de manchetes impactantes e a propagação de imagens apelativas. Esse *modus operandi* é comum em vários representantes populistas pelo mundo, porque é o perfil de linguagem que consegue construir o maior grau de engajamento nas campanhas em ambientes digitais (Cesarino, 2018; Eatwell; Goodwin, 2020; Mounk, 2019).

Embora a ascensão da AfD compartilhe traços com outros movimentos populistas de direita na Europa e no mundo, o caso apresenta particularidades. Primeiro, o peso do passivo histórico do nazismo impõe à AfD a necessidade de uma linguagem cuidadosamente codificada, que evoca o nacionalismo sem recorrer abertamente a símbolos “proibidos”. Segundo, a ambivalência estratégica de incorporar pautas liberais (como uma aparente defesa dos direitos LGBTQIAPN+) para atacar o Islã representa uma tática mais sofisticada do que a observada em outros contextos. Por fim, o fato de seu crescimento se dar na mais poderosa economia da União Europeia confere ao fenômeno uma importância simbólica e política que transcende as fronteiras nacionais. Portanto, a AfD não é apenas mais um caso, mas um laboratório para a evolução da extrema direita no século XXI.

Não obstante tais importantes especificidades locais, fica também evidente que o sucesso da AfD não pode ser atribuído apenas a fatores internos. O peso de movimentos populistas em outros países, como o Fidesz na Hungria, a Liga Norte na Itália e o Partido da Justiça e Desenvolvimento (AKP) na Turquia, entre outros, também desempenha um papel importante em seu repertório estético e discursivo. Esses partidos compartilham uma visão semelhante de soberania nacional e resistência ao multiculturalismo, criando uma rede de influências e legitimação mútua. A AfD, por exemplo, frequentemente cita políticas húngaras de restrição à imigração como um modelo a ser seguido, reforçando sua conexão com uma onda populista mais ampla na Europa.

A ridicularização de costumes⁹ e práticas culturais é bastante recorrente nas comunicações oficiais e campanhas da legenda (Doerr, 2021). Geralmente, o partido explora em suas publicidades o que considera uma incoerência dos sociais-democratas, destacando que apoiar imigrantes muçulmanos e pautas LGBTQIAPN+ seriam ações incoerentes. Essa linha de argumentação, no entanto, apresenta complexidades e contradições, como o fato de a líder do partido, Alice Weidel, manter uma relação homoafetiva com uma mulher originária do Sri Lanka, com quem tem dois filhos. Essa aparente dissonância revela como a AfD emprega uma retórica progressista de forma seletiva e estratégica, principalmente para reforçar sua agenda anti-islâmica, e não como um compromisso genuíno com os direitos LGBTQIAPN+.

Portanto, o que se nota nessas campanhas é a intenção de fomentar o confronto interno entre grupos. Essa ambivalência é central na estratégia da AfD e a distingue de outros movimentos de extrema direita. Ao conciliar a defesa dos direitos das mulheres e da comunidade LGBT com uma agenda anti-imigração, o partido busca atrair segmentos do eleitorado que não se identificam com o conservadorismo tradicional, como mulheres e jovens. A retórica é cuidadosamente construída para enquadrar o Islã como a principal ameaça a esses valores liberais, permitindo que a AfD se posicione como defensora da liberdade ocidental (*Ibid.*), tática que amplia sua base eleitoral e torna o caso alemão particularmente relevante para o estudo do populismo global.

O populismo, conforme abordado, não constitui uma ideologia necessariamente racional, mas uma narrativa mobilizadora e performativa que, ao se valer de imagens e *slogans*, busca normalizar e validar narrativas de seu interesse. Bem como em outros contextos, o sentimento de medo e ressentimento acaba por surgir intuitivamente como fator (Mounk, 2019)¹⁰.

No que diz respeito à comunicação visual do partido, é possível perceber uma combinação entre elementos de modernidade e traços de iconografia histórica. O partido

⁹ No material coletado por Doerr (2021, p. 8-10), um dos posters apresenta uma cena de praia com três mulheres de biquínis, sobre a qual é sobreposta a frase “Burcas? Nós preferimos biquínis”. Essa montagem combina a sexualização — remanescente de campanhas de moda — com a oposição simbólica: o biquíni torna-se símbolo da “libertação” das mulheres ocidentais, em contraposição ao estereótipo da mulher muçulmana, que, supostamente, estaria oprimida pelo uso da burca.

¹⁰ Na chave de ressentimento, Mounk (2019) observa que uma das principais bases de mobilização é a sensação de perda de acessos e privilégios. O autor trata do tema a partir do contexto estadunidense e sinaliza que famílias observam os filhos terem um padrão de vida financeiro inferior ao padrão que os pais tiveram. Esse processo de conservação ou declínio social mobiliza frações importantes de múltiplos perfis etários do eleitorado.

constrói uma narrativa em que se apresenta como um “guardião” dos valores tradicionais frente à mudança social. Essa tática narrativa visa tanto atrair eleitores quanto deslegitimar a oferta de políticas progressistas, promovendo a ideia de que a identidade nacional autêntica está sob ameaça e precisa ser defendida com rigor estético e ideológico.

Em síntese, as estratégias comunicacionais adotadas visam atrair pessoas que buscam seriedade no discurso (algo conservador do ponto de vista de costumes) e, ao mesmo tempo, uma completa aversão aos partidos e políticos “tradicionais”. Essa é uma estratégia bastante reconhecida das narrativas populistas, inclusive na América do Sul, e consiste na afirmação de que falam a partir de uma perspectiva antissistema, ainda que geralmente operem com razoável experiência dentro das “regras do jogo” da política institucional.

Os resultados do partido

Os resultados efetivos da AfD foram construídos paulatinamente ao longo da última década. Entre os mais relevantes podemos citar a vitória na Turíngia em 2024 e a segunda colocação na Saxônia (estados do leste do país), além de ter sido favorita nas pesquisas em Brandemburgo (outro estado do leste). No caso de Brandemburgo, por exemplo, os social-democratas do Partido Social Democrata (SPD) venceram a AfD por 31 a 29%. Essa diferença estreita de votos já demonstrava a relevância e competitividade política do partido¹¹.

Faz-se necessário ponderar que houve relativa alternância nos resultados eleitorais nas últimas eleições alemãs. Em 2013 venceu Merkel (representante dos chamados Partidos da União, União Democrata Cristã — CDU/União Social Cristã — CSU), com o SPD de Steinbrück em segundo lugar. Em 2017, novamente venceu Merkel (CDU/CSU), com uma diferença maior em relação ao segundo colocado Schulz (SPD)¹². Em 2021, Scholz (SPD) venceu a eleição, seguido por Laschet (CDU/CSU) e Baerbock (Greens). Essa alternância de poder, no entanto, mascara uma mudança mais profunda: a presença consolidada da

¹¹ O processo é descrito em matéria recente do Portal O Antagonista. A íntegra da matéria está disponível em: <https://oantagonista.com.br/mundo/crusoe-esquerda-barra-avanco-da-afd-na-alemanha-mas-com-ressalva/>. Acesso em: 9 abr. 2025.

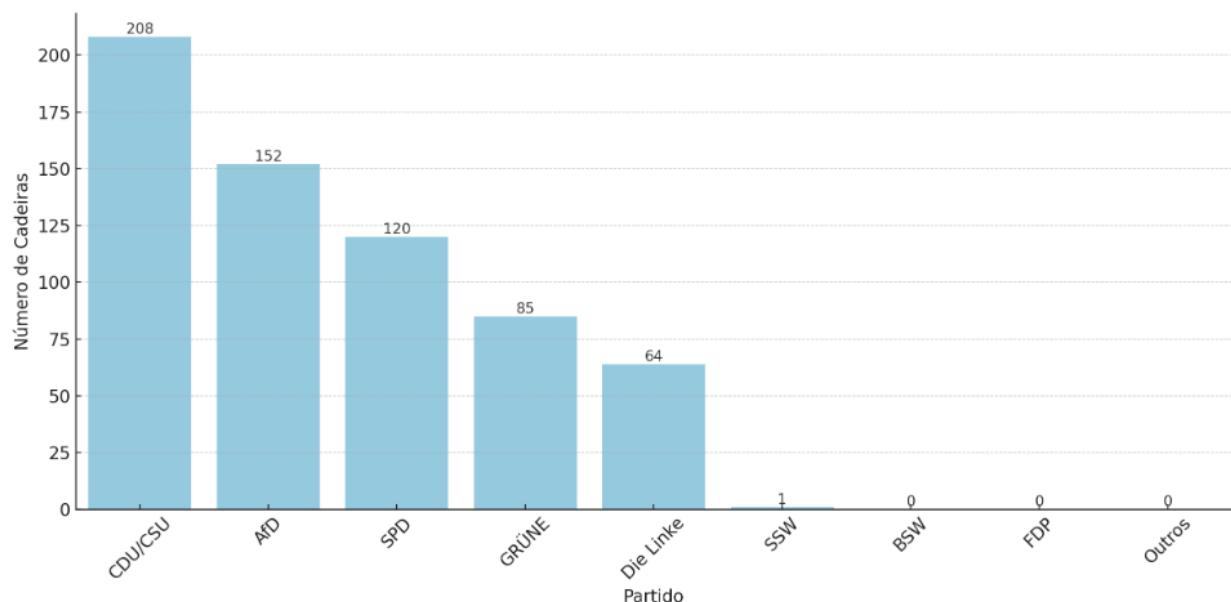
¹² Nesse ano, a AfD já figurou em terceiro lugar com Alexander Gauland e Alice Weidel (esta última que voltou como candidata em 2025, alcançando o melhor resultado nacional da história da legenda).

AfD como terceira força (em 2017 e 2021) forçou os partidos tradicionais, especialmente a CDU/CSU, a endurecerem seu discurso em temas como imigração e segurança, em uma tentativa de conter a sangria de votos para a extrema direita. Assim, mesmo sem vencer nacionalmente, a AfD já demonstrava sua capacidade de pautar o debate público.

Para além da dicotomia política tradicional representada pela oposição direita versus esquerda, até as eleições de 2021, o cenário alemão revelava uma tensão latente entre forças que buscavam resgatar a identidade cultural (CDU/CSU) e aquelas que defendiam agendas mais progressistas (SPD). Com a ascensão da AfD como uma legenda relevante, há um deslocamento natural do que está posto no debate público do país.

O fenômeno se alinha com o que Jan-Werner Müller conceitua, em *What is populism?* (2016), como a “lógica do populismo”, isto é, a ideia de que apenas o próprio partido representa a vontade legítima do povo, enquanto todos os outros são ilegítimos. Essa lógica é evidente na forma como os partidos tradicionais, a exemplo da CDU/CSU e do SPD, são retratados como cúmplices de uma “política de portas abertas” que despreza os interesses dos cidadãos comuns (ainda que isso não seja necessariamente verdade, no caso da CDU/CSU, por exemplo, por se tratar de um partido com pautas anti-imigratórias). Ao se apresentar como a única alternativa verdadeira, a AfD busca deslegitimar o sistema político vigente e posicionar-se como a salvaguarda da democracia “autêntica” (Santos, 2025; Santos; Schlegel, 2024).

Essa narrativa mudou estrategicamente a partir dos resultados das eleições majoritárias de fevereiro de 2025. Com a vitória da CDU (conservadores), a AfD passou a encampar uma posição de abertura a potenciais coalizões. Nesse contexto, CDU e AfD foram as duas principais forças políticas no país nessas eleições, sendo que a vencedora ficou com 28,52% (suficiente para garantir 208 cadeiras) e a segunda colocada, com 20,8% (suficiente para garantir 152 cadeiras), conforme aponta o gráfico a seguir:

Gráfico 1 – Distribuição das cadeiras no *Bundestag* (Parlamento)

Fonte: Adaptado de Bundestag, The Federal Returning Officer (2025)¹³.

Tabela 1 – Resumo dos dados eleitorais do parlamento alemão (2025)

Partido	Líder(es)	Cadeiras	Votos	Porcentagem (%)
CDU/CSU	Friedrich Merz	208	14.180.482	28,52
AfD	Alice Weidel	152	10.328.790	20,76
SPD	Olaf Scholz	120	8.421.616	16,93
GRÜNE	Robert Habeck	85	5.782.655	11,63
Die Linke	Heidi Reichennek, Jan van Aken	64	4.636.634	9,33
SSW	Stefan Seidler	1	136.752	0,27
BSW	Sahra Wagenknecht	0	2.471.146	4,97
FDP	Christian Lindner	0	2.146.457	4,31
Outros	-	0	2.194.452	4,43

Fonte: Adaptado de Bundestag, The Federal Returning Officer (2025).

¹³ Os resultados estão disponíveis também em matéria temática do Portal DW Brasil. Disponível em: <https://www.dw.com/en/german-election-results-explained-in-graphics/a-71724186>. Acesso em: 10 abr. 2025.

Em resumo, a disputa se manteve entre os conservadores (democratas cristãos de direita) e a AfD (extrema direita). O resultado é sintomático, pois rompe com o desfecho das eleições de 2021, nas quais os sociais-democratas (SPD) venceram. De lá para cá, se observarmos os resultados, notamos um período de maior relevância dada às pautas conservadoras. Nesse cenário, os meios de comunicação, especialmente as redes sociais, exercem um papel determinante na disseminação de discursos que simplificam e polarizam questões políticas complexas. Esse fenômeno contribui para a segmentação do eleitorado e a concentração das disputas entre conservadores e a extrema direita. O realinhamento das preferências eleitorais ocorre, ainda, em um contexto de mudanças no mercado de trabalho (conforme citado na seção anterior) e transformações demográficas. Em tese, esses fatores impulsionam a busca por respostas rápidas e pelo resgate de estruturas consideradas mais estáveis e tradicionais (Eatwell; Goodwin, 2020).

Historicamente, a tensão entre a direita moderada e a extrema direita na Alemanha reflete um processo contínuo de rupturas e reconfigurações. O legado do pós-guerra e as experiências de reconstrução nacional continuam a se entrelaçar com as atuais crises de representação política e do modelo democrático¹⁴. No plano internacional, a Alemanha se vê imersa nesse debate interno, buscando equilibrar sua projeção como um país moderno e globalizado com a necessidade de preservar sua identidade nacional.

Assim é também a construção conceitual de Przeworski (2020), em *Crises da democracia*, ao tratar de quais agentes são ou não nocivos ao que entendemos como democracia. Em um primeiro momento, a existência de um contexto de polarização não necessariamente se traduz em um fator de fragilização de estruturas democráticas. O que ocorre é que há partidos e tradições políticas que historicamente erodem instituições e freios do Estado, o que parece ser o caso da AfD e da tradição de pensamento que ela representa. No mesmo livro, o autor aponta que o que distingue as pessoas não são necessariamente as informações, mas as epistemologias alternativas, isto é, as pessoas apreendem o mundo por lentes bastante distintas, que, muitas vezes, não levam em conta critérios científicos e, em alguns casos, chegam até a se opor à ciência (*Ibid.*). Isso faz com que, independentemente da racionalidade do argumento, muitas narrativas sejam seguidas com

¹⁴ A Alemanha é lida como uma “democracia plena”, conforme apontam dados do V-Dem obtidos em 20 de setembro de 2025.

“fidelidade” por simplesmente estarem alinhadas com noções preexistentes de seus seguidores. O autor especula que assunto parece ser o grande elo entre uma profunda crise na democracia e as crises informacionais e de representação de públicos específicos (religiosos, trabalhadores de classes populares, trabalhadores plataformizados e afins).

Contudo, a relação da AfD com a ciência é mais complexa do que uma simples negação. A estratégia frequentemente envolve o uso seletivo de dados, a promoção de especialistas alinhados e a apropriação de uma linguagem pseudocientífica para criar uma ilusão de respaldo empírico. Em vez de rejeitar a ciência abertamente, eles criam um ecossistema de “fatos alternativos” que legitima suas narrativas. Isso corrobora a tese de Przeworski (2020) sobre epistemologias alternativas, mas adiciona uma camada de sofisticação à análise: a disputa não é apenas sobre valores, mas sobre a noção de verdade.

Em um clima polarizado, os cidadãos passam a adotar posições que se configuram como parte de uma identidade quase imutável, reforçada por vínculos emocionais e culturais (é como se a condição de aproximação e pertencimento transformasse qualquer crítica a um espectro ideológico em um ataque pessoal). Teorias da psicologia social e estudos sobre *“affective polarization”* são empregados para explicar como os sentimentos intensos — muitas vezes negativos — contra os “outros” contribuem para a solidificação dessas identidades, dificultando o diálogo e a mudança de opinião (Mudde, Kaltwasser; 2017).

Em um prisma teórico que vai na mesma direção, Nunes e Traumann (2023) apontam como a polarização afetiva se espalha para o ambiente privado (laços familiares, redes de amigos e demais círculos sociais) e nutre um clima perene de disputa por narrativas que extrapolam os períodos de disputa eleitoral. Traços como esse são comuns na literatura que avalia as ondas de extrema direita pelo mundo e ajudam a explicar parte do crescimento da AfD na Alemanha.

Considerações finais

A ascensão da extrema direita na Alemanha representa não apenas uma inflexão na política interna do país, mas também um alerta simbólico para a Europa e o mundo ocidental. Trata-se do avanço e reestruturação da extrema direita em um país com fortes passivos históricos relacionados às ações totalitárias de grupos fortemente relacionados

com as “novas direitas” alemãs. Os resultados eleitorais recentes sugerem um processo perigoso de entrada em uma espécie de revisionismo identitário.

Naturalmente, o caso alemão não pode ser compreendido de forma apartada do seu contexto atual na Europa e das crises das democracias liberais como um todo (como está sinalizado pela literatura recente mobilizada). O *modus operandi*, que inclui técnicas de desinformação, discursos de ódio, desconfiança nas instituições e organizações democráticas, encontra terreno fértil para o florescimento de líderes e movimentos com narrativas extremistas. Especificamente no caso da AfD, o principal elemento de pânico moral utilizado é a instrumentalização de temas sensíveis, como a imigração, a soberania nacional e a identidade cultural.

Este artigo argumentou que o sucesso da AfD reside em sua hábil implementação de uma estratégia antissistema. A análise de sua trajetória, desde a fundação até os resultados eleitorais recentes, aponta nessa direção. Conforme a teoria de Sartori (1982), atualizada por Müller (2016) e Zulianello (2017), a AfD opera questionando a legitimidade das instituições democráticas e se posicionando como a única voz do “povo”. A instrumentalização da imigração, a exploração de ansiedades socioeconômicas e a sua retórica antipluralista não são táticas isoladas, mas componentes integrados de um projeto que visa erodir a democracia liberal por dentro. Entretanto, é importante sublinhar como o crescimento da sigla não deve estar associado exclusivamente aos seus elementos históricos e retóricos. Parece haver um cenário do voto de protesto contra o que estava posto, e o mérito do partido passa por capturar em todas as arenas possíveis esse elemento de protesto.

O momento político alemão destaca a importância da disputa pelo imaginário social e pelas propostas alternativas de futuro do país. Especialmente pelo último resultado eleitoral, a direita e a extrema direita, representadas pelos democratas cristãos do CDU/CSU (grande vencedor) e pela AfD, respectivamente, demonstraram sua competitividade e capacidade de formação de novas lideranças. Em suma, o avanço da extrema direita na Alemanha parece representar um fenômeno político ainda inacabado, que deve ganhar novas páginas com a ocupação de posições institucionais majoritárias no parlamento. Como agenda de pesquisa, parece ainda informar como a indignação moral e o alarmismo circunstancial são práticas frágeis para o enfrentamento das formas cada vez mais digitais de mobilização que buscam reestabelecer fronteiras nacionais.

Referências

- ARZHEIMER, K. The AfD: finally a successful right-wing populist eurosceptic party for Germany? *West European Politics*, [s. l.], v. 38, n. 3, p. 535-556, 2015.
- BADE, K. J. (Ed.). *Migration in european history*. Malden: Blackwell Publishing, 2003.
- BERBUIR, N.; LEWANDOWSKY, M.; SIRI, J. The AfD and its Sympathisers: Finally a Right-Wing Populist Movement in Germany? *German Politics*, [s. l.], v. 24, n. 2, p. 154-178, 2015.
- CESARINO, L. Populismo digital: roteiro inicial para um conceito, a partir de um estudo de caso da campanha eleitoral de 2018 (Parte I: metodologia e teoria). 2018 (Manuscrito) – Departamento de Antropologia e Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018. Disponível em: https://culturapolitica2018.files.wordpress.com/2019/09/populismo_digital_roteiro_inicial_para_u.pdf. Acesso em: 30 set. 2021.
- CHIN, R. *The guest worker question in postwar Germany*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- CONSANI, C. F.; SANTOS, B. L. A influência do pensamento conservador na concepção de democracia de Carl Schmitt. *DoisPontos*, Curitiba, v. 19, n. 2, p. 11-31, 2022.
- DOERR, N. The visual politics of the Alternative for Germany (AfD): antiislam, ethno-nationalism, and gendered images. *Social Sciences*, [s. l.], v. 10, n. 1, p. 20, 2021.
- DOLLARHITE, C. M. Wirtschaftswunder: a macroeconomic study of Germany. *Lux et Fides: A Journal for Undergraduate Christian Scholars*, [s. l.], v. 1, 2023. Disponível em: <https://pillars.taylor.edu/luxetfidesjournal/vol1/iss1/2>. Acesso em: 20 set. 2025.
- EATWELL, R.; GOODWIN, M. *Nacional-populismo: a revolta contra a democracia liberal*. Rio de Janeiro: Record, 2020.
- GARCIA, L. Nós somos o povo! As manifestações populistas do PEGIDA no cenário da Alemanha Contemporânea. *Revista Neiba, Cadernos Argentina Brasil*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, e67260, 2022.
- GUIMARAENS, F.; ROCHA, M. A. A retórica antirrepublicana de Carl Schmitt. *Revista Direito e Práxis*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 4, p. 2318-2345, 2023.
- KOOPMANS, R. Multiculturalism and immigration: a contested field in cross-national comparison. *Annual Review of Sociology*, [s. l.], v. 39, p. 147-169, 2013.
- MAYER, M.; CLEMENS, M. Fachkräftemigrationsmonitor: Fachkräfteengpässe von Unternehmen in Deutschland, Trends zum Zuzug ausländischer Fachkräfte und die Situation ausländischer Erwerbstätiger am deutschen Arbeitsmarkt. Gütersloh: Bertelsmann Stiftung, 2021. Disponível em: https://www.bertelsmann-stiftung.de/fileadmin/files/Projekte/Migration_fair_gestalten/IB_Fachkraeftemigrationsmonitor_2021.pdf. Acesso em: 20 set. 2025.

MIGRAÇÃO e integração. *Perfil da Alemanha*, [s. l.], [20--]. Disponível em: <https://www.tatsachen-ueber-deutschland.de/pt-br/migracao-e-integracao>. Acesso em: 10 abr. 2025.

MOUNK, Y. *O povo contra a democracia: por que nossa liberdade corre perigo e como salvá-la*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MUDDE, C. *The far right today*. [s. l.]: Routledge, 2019.

MUDDE, C.; KALTWASSER, C. R. *Populism: a very short introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2017.

MÜLLER, J.-W. *What is populism?* Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2016.

NUNES, F.; TRAUMANN, T. *Biografia do abismo: como a polarização divide famílias desafia empresas e compromete o futuro do Brasil*. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2023.

PRESIDENTE da AfD anuncia que vai deixar partido. *DW Brasil*, [s. l.], 26 set. 2017. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/presidente-da-afd-anuncia-que-vai-deixar-partido/a-40693248?utm>. Acesso em: 20 set. 2025.

PRZEWORSKI, A. *Crises da democracia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

SANTOS, W. L. The role of microtargeting in right-wing populism and the state's race for forms of regulation: the case of Brazil (2018-2024). *World Congress IPSA*, 2025.

SANTOS, W. L.; SCHLEGEL, R. A regulamentação “judiciária” das fake news. In: GASPARDO, M. et al. *Desafios da democracia brasileira: um diálogo entre o direito e a ciência política*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2024. p.87-121.

SARTORI, G. *Partidos e sistemas partidários*. Brasília, DF: Zahar: Editora UnB, 1982.

SOYSAL, Y. N. *Limits of Citizenship: migrants and postnational membership in Europe*. Illinois: University of Chicago Press, 1994.

ZULIANELLO, M. Anti-System parties revisited: concept formation and guidelines for empirical research. *Government and Opposition*, [s. l.], v. 53, n. 4, p. 653-681, 2017.